

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT15.011

O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA COMO CONSUMO COLETIVO: UM DIREITO DE TODAS AS CRIANÇAS

Joseana Maria Saraiva¹

Matheus José da Costa Soares²

RESUMO

A ênfase nesse estudo é dada a introdução da língua inglesa como meio de consumo coletivo no Planejamento Político-Pedagógico do projeto de extensão Ações Socioeducativas para crianças e adolescentes do Ensino Fundamental da rede pública, desenvolvido pelo Departamento de Ciências do Consumo, através da Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Cidadania / UFRPE, implementado para crianças de 8 a 12 anos de idade, matriculadas no Ensino Fundamental. Acreditamos que o ensino da língua inglesa não serve apenas para instrumentalizar a criança para ser um/a cidadão/ã plurilíngue, mas também contribuir para sua formação integral. O aprendizado do inglês na infância ajuda a exercitar o cérebro, ampliar as conexões e a melhorar a concentração e a memória, facilita a comunicação, a pronúncia e a fluência. Trata-se de um Estudo de Caso, de abordagem quantiqualitativa, cuja coleta de dados foi realizada com 20 crianças, de ambos os sexos, na faixa etária de

- 1 Profª Dra do Curso de Bacharelado em Ciências do Consumo da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Orientadora. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas para Infância e Adolescência - NEPIAD/CNPq, joseana.marias@ufrpe.br
- 2 Cientista do Consumo, Bacharel em Ciências do Consumo pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, theussoares22@hotmail.com. O artigo é resultado da Monografia desenvolvida no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas para Infância e Adolescências - NEPIAD/CNPq/UFRPE.

8 a 12 anos de idade, sujeitos do projeto. Para tanto aplicou-se um formulário de pesquisa tendo em vista avaliar o nível de conhecimento das crianças sobre inglês básico no início do período letivo e após atividades do referido projeto, objetivando avaliar o nível de aprendizagem. Os resultados mostram a deficiência das crianças com a língua inglesa falada e escrita, assim como mostram os resultados tendo em vista a melhoria da aprendizagem após as atividades realizadas com as crianças. Considera-se que, as atividades contribuíram de forma significativa para reforçar o aprendizado e a melhoria da comunicação verbal, juntamente com a escrita e a leitura, muito ajudaram as crianças a terem noções claras de conteúdos básicos de uma segunda língua. Para isso, a metodologia priorizou a ludicidade, ferramenta importante para o aprendizado dos conteúdos trabalhados, pois tornou o processo mais leve e divertido e as crianças se sentiram sujeitos do processo ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Projeto de Extensão; Inglês Básico; Crianças; Ensino Fundamental; Rede Pública.

INTRODUÇÃO

Os estudos evidenciam (Rocha, 2008; Borghi et al., 2019; Silva, 2019; Freire e Santos, 2021; Soares, 2025) a importância da oferta obrigatória da língua inglesa desde a Educação Infantil e sua continuidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública e privada de ensino. Segundo esses/as autores/as, essa importância não é considerada, sobretudo, quando se ajuíza a rede pública. Até mesmo a obrigatoriedade como direito, a partir da 6ª série, não é efetivada, nega-se a oferta dessa língua nas primeiras séries do Ensino Fundamental (1ª a 5ª) e na Educação Infantil. Não há uma lei que regulamente o ensino do inglês ou de uma outra língua estrangeira desde a Educação Infantil no Brasil.

Silva (2019) no site do Educa Brasil, explica que o Ensino Fundamental é uma das mais importantes etapas da educação básica, é a transição da Educação Infantil para o ensino médio. Nesse período é iniciada a alfabetização da criança e posteriormente são introduzidos novos conhecimentos de diferentes áreas. O Ensino Fundamental compreende a fase do 1º ao 9º ano e atende crianças dos 6 aos 14 anos de idade. Por ser o período mais longo da educação básica, é dividido em anos iniciais e finais. Do 1º ao 5º ano constitui-se os anos iniciais do Ensino Fundamental, cujo aluno tem o seu processo de alfabetização iniciado, tendo acesso a atividades lúdicas que proporcionem o seu desenvolvimento motor, cognitivo e social. Os anos finais são formados pelo 6º ao 9º ano. É um momento que cobra mais maturidade dos alunos e apresenta conteúdos mais complexos.

É nesse contexto que se insere esse estudo, resultado de Estágio Supervisionado Obrigatório realizado no Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas para Infância e Adolescência – NEPIAD/CNPq/Departamento de Ciências do Consumo/UFRPE, a considerar o período de março a dezembro 2024. A ênfase recai na introdução da língua inglesa como atividade dentro do planejamento pedagógico do projeto de extensão “Ações Socioeducativas para crianças e adolescentes do Ensino Fundamental da rede pública”. O projeto foi implantado em 2012 integrando

as ações de ensino, pesquisa e extensão do NEPIAD e continua sendo implementado através do Departamento de Ciências do Consumo e da Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Cidadania / UFRPE/FACEPE.

Nesse contexto, a problemática que se insere para ser estudada, refere-se a importância da oferta obrigatória da língua inglesa desde a Educação Infantil, seguindo os anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública e privada de ensino. Freire e Santos (2021) chamam à atenção para a importância do ensino da língua inglesa desde a Educação Infantil, como primeira etapa do Ensino Básico.

Para Freire e Santos (2021) a Educação Infantil é uma das bases para construção do saber do/a aluno/a, quanto mais for explorada a capacidade de aprendizagem, mais competências a criança desenvolverá, tornando assim o ensino da língua inglesa essencial na contribuição do desenvolvimento intelecto-sociocultural da criança.

Nesse mesmo entendimento Rocha (2008) e Borghi et al., (2019) enfatizam acerca da importância do aprendizado do inglês na infância. Essa atividade, contribui para exercitar o cérebro, ampliar as conexões e a melhorar a concentração e a memória, facilita a comunicação, a pronúncia e a fluência. Outro aspecto relevante no ensino da língua inglesa na infância, é a facilidade que as crianças têm de aprender essa língua, isso porque durante os primeiros anos de vida o cérebro está em intensa atividade. Segundo Silveira (2019, p.2) essa relevância se evidencia, sobremaneira, na infância, devido a facilidade que as crianças têm de aprender essa língua, isso porque durante os primeiros anos de vida o cérebro está em intensa atividade. Nessa perspectiva, o contato com a língua inglesa desde a mais tenra idade, é importante porque ajuda a desenvolver habilidades de comunicação, a estimular a criatividade, a melhorar a atenção e a memória.

Nesse contexto, é importante considerar que o ensino da língua inglesa como disciplina tem se tornado cada vez mais importante e essencial para a comunicação global. O contato com a língua inglesa desde a mais tenra idade, é importante porque ajuda a desenvolver habilidades

de comunicação, interação social, estimular a criatividade, o pensamento crítico, a aprimorar a memória. Isso reforça e justifica a relevância da efetivação da língua inglesa na educação pública, nos currículos escolares, desde a Educação Infantil e do Ensino Fundamental desde as primeiras séries (Soares, 2025).

Para Freire e Santos (2021) a visão que se tem da importância da oferta do inglês desde da Educação Infantil na esfera privada, é diferente da esfera pública. Para a esfera privada, as crianças têm efetivamente o contato com o inglês desde o maternal, isso porque, a educação infantil é entendida como a primeira etapa da educação básica, a base para a construção do desenvolvimento dos saberes, da aquisição e compreensão da linguagem, do mundo ao redor, da atenção e da memória, aspectos-chave do desenvolvimento cognitivo (Piaget, 1970). Quanto mais for explorada a capacidade de aprendizagem, mais competências a criança desenvolverá, tornando assim o ensino da língua inglesa essencial na contribuição do incremento intelecto-sociocultural da criança.

O Censo Escolar 2023 reforça as contradições entre a visão da esfera privada e da esfera pública acerca dessa problemática. Segundo dados fornecidos por esse Censo, o Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) é o que mais carece de equipamentos, estrutura adequada em quantidade e qualidade e profissionais que tenham formação e que se mantenham atualizados. Essa problemática reflete e afeta a oferta da língua inglesa na esfera pública, na Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Segundo Saraiva (2015) esse quadro está relacionado à lógica e à racionalidade capitalistas do Estado neoliberal, que concebe as despesas com a educação das crianças como componentes da reprodução social da vida, supérfluas, uma vez que não tem retorno econômica para o poder público, só despesas. O próprio Censo Escolar traz a discussão a problemática histórica da inclusão da língua inglesa nos currículos escolares, desde as séries iniciais da Educação Básica, como direito de cidadania, porém, negado na sua efetivação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 1996 (Brasil, 1996) em seu artigo 26 inciso 5º assegurava na

parte diversificada do currículo a obrigatoriedade de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficaria a cargo da comunidade escolar, inglesa, a partir da 5ª série, confirmando essa negação.

Segundo Rocha (2007, p. 09) e Blanc et al., (2019, p.03) nas últimas duas décadas, o contato e a troca de conhecimentos entre diferentes culturas tem sido reconhecido e valorizado, impulsionado pelas tecnologias da informação e comunicação, tornando o mundo mais interconectado. Nesse contexto, para esses autores é relevante que a língua inglesa seja componente obrigatório no currículo escolar da rede pública brasileira, desde as primeiras séries do Ensino Fundamental tendo em vista possibilitar que todos os estudantes tenham igualdade de oportunidades em um mundo cada vez mais globalizado, equipando os alunos com ferramentas essenciais para a cidadania, o mundo do trabalho e a produção de conhecimento.

O ensino do inglês, regulamentado pela BNCC (2017) defende que, além de ser uma habilidade fundamental para se comunicar globalmente, o inglês aumenta a sensibilidade cultural, melhora a formação acadêmica e prepara os estudantes para interagir e se engajarem criticamente na sociedade contemporânea. Nessa perspectiva, a escola pública se insere como a oportunidade para crianças, adolescentes e jovens aprenderem inglês desde cedo, garante que todos os alunos e não apenas poucos, independentemente de sua origem socioeconômica, tenham acesso à língua franca global.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2023) estabelece que no currículo do Ensino Fundamental, a língua inglesa deverá ser ofertada a partir do sexto ano desse período (BRASIL, 2023, p. 22). Isso significa dizer que da primeira a quinta série a criança fica sem acesso a aprendizagem do inglês, negando, inclusive, o contato com a língua inglesa desde a mais tenra idade.

Quevedo-Camargo e Tonelli (2024) explicitam que o Plano Nacional da Educação 2014, vigente até 2024, destaca na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2015) a oferta do inglês como obrigatória nos currícu-

los escolares. Entretanto, os estudos mostram que a obrigatoriedade da oferta nos termos da lei, não é acompanhada por diretrizes ou metas de implementação e resultados até os dias atuais. Por que isso ocorre?

Para Nogueira (2013, p. 31) o que se evidencia diante do exposto, é o desenvolvimento de competências apropriadas a situações de interação social para uns, o acesso a língua inglesa dos primeiros anos da Educação Infantil ao Ensino Fundamental e Médio e para outros, das escolas públicas, destina-se um ensino mais tardio, ou nega-se o acesso, em consonância com o que se prefigura ser seu “uso efetivo” ao longo da vida, neste caso, a pequena ou não probabilidade de se ter acesso a uma segunda língua.

Borghi et al., (2019) ressaltam que o inglês se tornou uma língua franca, principal critério de necessidade para que a língua inglesa seja estudada por todas as pessoas, independente de classe social. Rodrigues (2020) estudando acerca da importância do ensino da língua inglesa como elemento de inclusão social e meio de formação do cidadão brasileiro, reforça a necessidade de desconstruir a distorção implícita na legislação educativa, que coloca o ensino de Língua Estrangeira numa posição “marginal” e “instrumental” para os menos favorecidos. Segundo Rodrigues, o British Council, uma organização internacional do Reino Unido que trata das relações culturais e oportunidades educacionais do ensino de Língua Inglesa, em 2016 revelou que apenas 5% dos brasileiros são fluentes em língua inglesa, tornando o país o 40º no ranking internacional de fluência.

Nessa direção, a considerar a possibilidade de acesso à língua inglesa, o projeto Ações Socioeducativa implantou em março de 2024 o ensino da Língua Inglesa no seu planejamento pedagógico. A atividade passou a ser desenvolvida duas vezes por semana, contemplando uma carga horária de 3 horas semanais, mediada por um professor de inglês com estudo avançado no Britanic, Cultura Inglesa e no Wizard, estudante do curso de Bacharelado em Ciências do Consumo/UFRPE e estagiário do projeto.

Enquadram-se, nesse trabalho, a convicção de que ao ensinar inglês as crianças, a perspectiva é contribuir para o seu desenvolvimento inte-

gral, não apenas para sensibilizar a diversidade linguística e cultural. Mas, para além disso, promover a educação para a comunicação, motivando para valores como o respeito pelo outro, a ajuda mútua, a comunicação não-violenta, a solidariedade, a cidadania, bem como a outros conteúdos trabalhados em outras atividades como alimentação saudável, educação para o consumo e desenvolvimento sustentável.

Considera-se ainda que, integrar o inglês básico como conteúdo no planejamento pedagógico do projeto “Ações socioeducativas [...]” contribuiu de forma significativa para reforçar a importância de se incluir uma segunda língua nas primeiras séries do Ensino

Fundamental. Além disso, os resultados mostram que houve melhoria da comunicação verbal, da escrita e da leitura, não apenas do inglês, mas, do português, para isso, a metodologia priorizou a ludicidade, ferramenta importante para o aprendizado dos conteúdos trabalhados, pois tornou o processo mais leve e divertido e as crianças se sentiram sujeitos do processo ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

TIPOLOGIA DO ESTUDO

Tendo em vista a natureza do objeto de estudo nesta pesquisa adotou-se o Estudo de Caso e a abordagem quantitativa. Para Pereira et al., (2009) o Estudo de Caso se constitui como um procedimento de pesquisa bastante utilizado, aplicado em diferentes campos do conhecimento científico por utilizar diferentes técnicas tendo em vista compreender o fenômeno na sua forma mais natural e na sua totalidade.

Foi essencial ouvir as crianças, considerá-las sujeitos do processo ensino - aprendizagem, apreender o nível de conhecimento que possuem sobre inglês básico e avaliar o nível de aprendizagem em relação ao que foi trabalhado nas atividades sobre inglês básico no referido projeto.

UNIVERSO E AMOSTRA

Das 40 crianças e adolescentes matriculadas no projeto de extensão Ações Socioeducativas no período de março a dezembro de 2024, estudantes do Ensino Fundamental de escolas públicas da rede municipal do Recife-PE, na faixa etária de 8 a 12 anos de idade, foram selecionadas 20 crianças que faziam parte do Grupo 1 do referido projeto e que participavam das aulas de inglês básico na segunda e na quarta-feira, das 13:30 às 17:30.

INSTRUMENTO DE PESQUISA

O instrumento de investigação se constituiu de dois formulários contendo pergunta abertas e fechadas. O formulário I tratou da investigação sobre o “Nível de conhecimento das crianças sobre inglês básico”, aplicado no início do período letivo do projeto. O II formulário tratou da “Avaliação do nível de aprendizagem das crianças acerca do que foi trabalhado sobre o inglês básico”, no período letivo do projeto. Os dois formulários foram estruturados com as mesmas perguntas, sendo o segundo aplicado no último dia de atividade do projeto.

MÉTODO DE ANÁLISE

Utilizou-se a combinação de dois métodos e técnicas, apropriadas a cada uma das partes da pesquisa, a qualitativa e a quantitativa combinadas. Assim, os principais desenhos dos métodos de análise se constituiu da sequencial exploratória (quali-quant). A parte quantitativa foi realizada primeiro e a fase qualitativa subsequente que ajudou a explicar ou aprofundar os resultados numéricos.

A coleta e a análise dos dados quantitativos e qualitativos foram realizadas de forma independente e simultânea. Na etapa final, os resultados são comparados para verificar se convergem ou divergem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

EM RELAÇÃO AO SEXO

Os dados apontam a predominância do sexo masculino entre os/as participantes do projeto Ações Socioeducativas [...]. Dos 20 sujeitos da pesquisa, 45% são do sexo feminino, e 55% do sexo masculino. Esses dados confirmam aqueles fornecidos pelo Censo Escolar 2023, os quais indicam que no ensino fundamental, as meninas correspondem a 48,5% nos anos iniciais (1º ao 5º) e contam com esse mesmo percentual nos anos finais (6º a 9º). O cenário se modifica no Ensino Médio, quando elas passam a ser maioria, com 50,9% (3,9 milhões). Lima (2016) chama a atenção para o fato que, apesar do processo evolutivo da sociedade e das transformações ocorridas nas relações sociais de gênero, ainda há o que se avançar em relação as desigualdades entre os sexos. Paiva (2018) corrobora Lima (2016) em seu estudo sobre desigualdade de gênero, verificou-se que cerca de 16 milhões de meninas nunca terão chance de ir à escola, e que em 2018 representam dois terços da população analfabeta do mundo. Ainda segundo a autora, a discrepância de direitos em relação a seus pares masculinos permanece, mesmo estando em sala de aula, a invisibilidade, opressão e violência recaem, sobretudo, sobre elas.

EM RELAÇÃO A FAIXA ETÁRIA

A maioria (60%) das crianças encontra-se na faixa etária dos 9 aos 11 anos de idade. Dos 6 aos 8 anos temos o segundo maior percentual, 30%, e apenas 10% com 12 anos. Essa faixa etária corresponde aquela atendida pelo projeto Ações Socioeducativas [...], 6 aos 12 anos de idade. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (2023, p. 26),

as primeiras séries iniciais do Ensino Fundamental, inicia-se aos 6 anos de idade e termina aos 10 anos de idade, 1º ao 5º ano. O foco principal nessa primeira etapa está na alfabetização da criança e no desenvolvimento das linguagens e das habilidades sociais, cognitivas e motoras, conformando a formação básica do cidadão, cujo aprendizado do inglês torna-se fundamental.

EM RELAÇÃO A ESCOLARIDADE

A maior quantidade de crianças está matriculada no 3º e 4º ano do Ensino Fundamental (50%), do 5º ao 6º ano (30%), e do 1º ao 2º ano (20%). Esses dados refletem uma preocupação acerca da problemática distorção idade-série no Ensino Fundamental, um indicador que mede o percentual de alunos/as com mais de dois anos de atraso escolar.

A partir desse contexto, ao traçar o perfil dos sujeitos participantes do projeto, percebe-se que das 20 crianças selecionadas, quatro (20%) estão em situação de distorção idade-série. Isso significa, conforme orientação do INEP (2023, p. 17) que esses/as alunos/as no ano letivo se apresentaram com idade recomendada para a série frequentada. Dos/das 4 estudantes em distorção série-idade, 2 com idades de 9 anos e 10 anos, estão no 3º ano do ensino fundamental, e deveriam estar, respectivamente no 4º e 5º ano. Os outros 2, encontram-se com 12 anos de idade e estão 5º ano, quando deveriam estar no 7º ano.

A realidade encontrada nesse estudo, vai ao encontro do que apresenta os dados do Censo Escolar 2023. A maior quantidade de alunos em situação de distorção idade-série se acha no Ensino Fundamental – anos iniciais, 5º ano, 13,8% para o sexo masculino e 9,1% para o sexo feminino. Silva (2014) estudou o fenômeno de distorção idade-série em seu trabalho e sinalizou uma predominância dessa situação na rede pública de ensino. Isso ocorre por diversos fatores, incluindo reprovação, entrada tardia, abandono e evasão, acarretando uma disfunção na organização das turmas com estudantes de diferentes faixas etárias.

EM RELAÇÃO AO CARÁTER DA ESCOLA (PÚBLICA/PRIVADA)

Das 20 crianças, sujeitos da pesquisa, 18 (90%) são estudantes integrantes da rede pública de Ensino Fundamental, apenas 2 (10%) é da rede privada de ensino. Aqueles/as que estudam na rede pública, na sua totalidade estão matriculadas em três escolas municipais localizadas no bairro de Dois Irmãos, São Braz e Sítio dos Pintos – Escola Municipal Sociólogo Gilberto Freyre, Escola Municipal Padre Donino e Escola Municipal Mundo Esperança, circunvizinhas a Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

Constata-se que nenhuma dessas três escolas oferta o ensino da língua inglês no Ensino Fundamental, nem nos anos iniciais e nem nas séries finais. Nogueira (2013) atribui essa problemática ao Estado, que caracteriza como neoliberal, para ela, a rede pública quando oferta essa disciplina é de forma tardia e precária, nos anos finais do Ensino Fundamental. A autora se reporta ainda, que se prevê o desenvolvimento precoce de competências apropriadas a situações cotidianas de interação social com a língua inglesa para uns, “das classes mais favorecidas” (grifo do autor), tendo em vista o desenvolvimento no plano profissional futuro e para outros não, principalmente por não acreditar que exista uma necessidade de aprendizagem dessa língua para as crianças do ensino público (das classes menos favorecidas). Para essas últimas, destina-se um ensino mais tardio e precário, quando esse direito é efetivado.

NÍVEL DE CONHECIMENTO BÁSICO E ESCRITA EM INGLÊS DOS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

EM RELAÇÃO AO NÍVEL DE CONHECIMENTO BÁSICO E ESCRITA DE PALAVRAS EM INGLÊS

- Você conhece e escreve palavras em inglês? Sim, Não. Se Sim quais?

Quando se indagou as crianças se elas conheciam e sabiam escrever alguma palavra em inglês, 11 (55%) responderam que sabiam, enquanto 9 (45%) não sabiam. Das crianças que disseram que sabiam escrever palavras em inglês - duas escreveram apenas uma palavra; 4 escreveram 4 e 5 escreveram 6. As palavras foram tabuladas, considerando as palavras corretas e as erradas e se retirando as repetições (palavras iguais). No total de palavras contabilizou-se 48 palavras escritas entre corretas e erradas, destas foram categorizadas 11 corretas e 11 erradas, sendo 26 repetidas e excluídas.

EM RELAÇÃO A SABER ESCREVER DE 1 ATÉ 10 EM INGLÊS

Quando se indagou as crianças em relação a saber escrever de 1 até 10 em inglês, 04 (20%) responderam que sabiam, enquanto 16 (80%) não sabiam. É considerável o percentual de crianças que responderam que não sabia. Das crianças que disseram que sabiam escrever em inglês de 1 a 10, a totalidade ao escrever (100%) errou. Tentaram, mas, não acertaram, conforme mostra a distribuição das respostas: 1 (On; Ony) 2 (Tho; Touw); 3 (There/Tree/Three); 4 (For/Four/Fol); 5 (Faiv/Firee/Fivre); 6 (Sixe; Cix); 7 (Sevente/Sevem/Seve); 8 (Eigh/Eit/Eite); 9 (Naine; Niene; Nainy); 10 (Twen/Teen/Teem).

EM RELAÇÃO A SABER ESCREVER O MÊS DO ANIVERSÁRIO EM INGLÊS

Quando se indagou as crianças em relação a saber escrever o mês do aniversário em inglês, 03 (15%) responderam que sabiam, enquanto 17 (85%) não sabiam. É considerável o percentual de crianças que responderam que não sabia. Das crianças que disseram que sabia escrever o mês de aniversário em inglês, apenas 1 criança que está na na 6ª série, escreveu o mês corretamente (November), as outras duas, escreveram março (March) e (August).

EM RELAÇÃO A SABER ESCREVER A COR FAVORITA EM INGLÊS

Quando se indagou as crianças em relação a saber escrever a cor favorita em inglês, 16 (80%) responderam que sabiam, enquanto 4 (20) não sabiam. É considerável o percentual de crianças que responderam que sabia, quase a totalidade. Entretanto, das 16 que afirmaram saber escrever, mais da metade 12 (75%) errou e apenas 4 crianças que estão na 5ª e na 6ª série, escreveram a cor favorita corretamente (Black; Blue; Green; Pink), como mostra a seguinte distribuição: Preto (Breque/Blak); Verde (Greem/Grim); Azul (Blu/Blui); Rosa (Pinca/Pinque/Piq); Roxo (Purpal/Pupau/Punpal).

EM RELAÇÃO A SABER ESCREVER AS ESTAÇÕES DO ANO EM INGLÊS

Quando se indagou as crianças em relação a saber escrever as estações do ano – primavera, verão, outono e inverno – as 20 crianças (100%) da amostra respondeu que não sabiam. É considerável o percentual de crianças que responderam que não sabia, a totalidade, inclusive foi a única pergunta que nenhuma respondeu sabe.

EM RELAÇÃO A SABER ESCREVER O NOME MÃE E PAI EM INGLÊS

Quando se indagou as crianças em relação a saber escrever o nome mãe e pai em inglês, verificou-se que, em relação a saber escrever o nome mãe 11(55%) afirmaram saber e 09(45%) disseram não saber. Em relação a saber escrever o nome pai, 08(40%) crianças afirmaram que sabiam e 12 disseram que não sabiam. Os resultados mostram que embora 09 crianças afirmarem saber escrever o nome mãe em inglês, nenhuma escreveu corretamente: Mam; Mon; Madar; Mamy. O mesmo acontece com a escrita do nome pai, nenhuma acertou: Fader; Deed; Fad; Deaid.

EM RELAÇÃO A SE SABE ESCREVER A NACIONALIDADE EM INGLÊS

Quando se indagou as crianças em relação a saber escrever sua nacionalidade em inglês, verificou-se que, 02 (10%) afirmaram saber e 18 (90%) disseram que não sabiam. Das 2 crianças (10%) que afirmaram que sabiam, verificou-se que apenas 1 (uma) escreveu de forma correta (Brazilian) a outra escreveu Brasiliam.

EM RELAÇÃO A SABER ESCREVER A COMIDA FAVORITA INGLÊS

Conforme mostra a Tabela 2, quando se indagou as crianças em relação a saber escrever a comida preferida em inglês, 06 (30%) responderam que sabiam, enquanto 14 (70%) não sabiam. Das crianças que disseram que sabiam escrever em inglês a comida preferida, apenas 2 crianças que estão 5ª e na 6ª série, escreveram a comida corretamente (Pizza; Hot Dog). As outras 4 crianças escreveram, mas, não de forma correta (Pitza; Rot Dogue; Ambuguery).

EM RELAÇÃO A SABER ESCREVER O QUE VAI SER NO FUTURO EM INGLÊS

Os dados da Tabela 2 mostram que 16 (80%) das crianças não sabem escrever em inglês a sua profissão do futuro, apenas 4 (20%) responderam que sim e mencionaram três profissões: 2 (50%) afirmaram que queriam ser “Soccer Player” (Jogador de Futebol); 1 (25%) Gamer (Jogador Profissional) e 1 (25%) Police Officer (Policial). Contudo, os resultados mostram que as 3 crianças escreveram o nome da profissão escolhida em inglês de forma incorreta.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados mostra e corrobora as discussões realizadas na fundamentação teórica acerca da problemática que embasa esse estudo. É significativo o percentual de crianças que dizem não saber escrever palavras em inglês, quase metade. Chama atenção a totalidade das crianças que não sabem escrever as 4 estações do ano, o percentual insignificante das que dizem saber escrever o nome Pai e Mãe em inglês, mas, não sabem. Elas/es, na sua grande maioria, escrevem as palavras em inglês igual falam (Listening - interpretação oral/auditiva), problemática que se repete em todas as outras variáveis do estudo.

Depreende-se que, apesar dos grandes avanços no campo teórico - conceitual e nos termos da lei na área da educação, bem como da tecnologia nas últimas três décadas, dos documentos legais afirmarem que 90% das crianças de 7 a 14 anos estão matriculadas na escola pública no Ensino Fundamental (Brasil, 2023), verifica-se que a educação oferecida pelas escolas públicas em todo o Brasil tem sofrido inúmeras críticas que apontam uma série de fatores que comprometem a qualidade da Educação Básica. Nesse contexto, uma crítica muito relevante tem sido feita a língua estrangeira, como disciplina obrigatória no currículo do ensino fundamental das escolas públicas.

Essa problemática da língua estrangeira como disciplina obrigatória no currículo do Ensino Fundamental das escolas públicas do país tem enfrentado grandes desafios. Nos termos legais é obrigatória, mas, na prática esse direito não está sendo efetivado. Essa é a grande questão, como as crianças podem aprender a escrever e a falar inglês se não estudam essa língua? As dificuldades apresentadas pelas crianças nesse estudo acerca de escrever palavras em inglês pode ser atribuída a essa problemática, a falta de imersão no idioma, vivenciar a experiência da aprendizagem da língua inglesa de forma intensa e profunda. Acreditamos que somente dessa forma, as crianças conseguirão realmente aprender a escrever se comunicar em inglês, quando tiverem seu direito efetivado.

Segundo Vieira (2008, p. 34) o aprendizado de uma segunda língua desde cedo é bastante comum na maioria dos países de primeiro mundo. Atualmente, ser fluente em mais de um idioma, ler e escrever, é praticamente um critério de sobrevivência, mas, isso exige um processo ensino-aprendizagem desde os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Para Miranda (2005) os descréditos compartilhados pela maioria das professoras e alunos acerca do ensino da língua inglesa, passam principalmente pela dificuldade de a aprendizagem de inglês acontecer nas escolas públicas, entre outros, a falta de estudo, de interesse e de motivação dos alunos como causas do seu insucesso e, ainda a “deficiência linguística” dos alunos como obstáculo à aprendizagem dessa língua.

As poucas palavras corretas escritas pelas crianças, nas diferentes situações, podem ser atribuídas, segundo Menezes (2019) ao crescimento da utilização de tecnologias de informação e da comunicação, que devido a esse crescimento, elas estão presentes em todos os cantos do país, e no ensino de línguas. Segundo Finardi et al., (2013) as tecnologias da informação e da comunicação estão presentes dentro e fora da sala de aula, através disso, é possível perceber que as crianças adquirem o conhecimento da língua inglesa através das tecnologias, mas, ainda precisam de um suporte para aprimorar o conhecimento adquirido, o ensino na sala de aula é fundamental.

AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS APÓS IMPLANTAR AS ATIVIDADES DO INGLÊS BÁSICO NO PLANEJAMENTO POLÍTICO DO PROJETO DE EXTENSÃO AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA.

Após avaliar o nível de conhecimento das crianças sujeitos do projeto de extensão Ações Socioeducativas [...], implantou-se as atividades pedagógicas tendo em vista estimular o aprendizado da língua inglesa de forma lúdica, criativa e divertida.

Para motivar e engajar as crianças nas atividades e para tornar o processo ensino-aprendizagem do inglês básico mais lúdico - ou seja, visando desenvolver não apenas o aspecto intelectual e cognitivo em relação a língua inglesa, mas, também, o campo social e emocional das crianças, por meio da criatividade, interação social e habilidades de comunicação, priorizou-se a ludicidade.

Para Nunes (2004), as atividades lúdicas têm o poder sobre a criança de facilitar tanto o progresso de sua personalidade integral, como o progresso de cada uma de suas funções psicológicas, intelectuais, morais e afetivas. Ademais, elas devem ser inseridas na prática de outras disciplinas, como é o caso da língua estrangeira, uma vez que facilitar o aprendizado da mesma e motiva, tanto as crianças como adultos a ensinarem e os crianças a aprenderem.

Para tanto as atividades lúdicas foram fundamentais para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, sobretudo, considerando que as crianças se encontram nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Nessa direção, foram realizadas várias atividades lúdicas para o desenvolvimento do conteúdo trabalhado com as crianças - pronúncia; compreensão auditiva e a expressão oral - caça ao tesouro; dança das cadeiras; quiz no quadro; juntar palavras; filmes e desenhos animados; ler livros e histórias com ilustrações e linguagem simples, entre outras atividades como jogos, brinquedos, brincadeiras que remetem aqueles/as que aprendem a ludicidade.

Como conteúdo básico, no exercício da pronúncia, da compreensão auditiva e da expressão oral, trabalhou-se: cumprimentos; quantidades, números e letras; comidas e bebidas; membros da família; nacionalidade; profissões; partes do corpo; cores; dias da semana; meses e estações do ano.

Figura 1 - Crianças assistindo a primeira aula de inglês no projeto



Fonte: próprio autor (2024)

EM RELAÇÃO A SE CONHECE E ESCRIVE PALAVRAS EM INGLÊS

Quando se avaliou o nível de conhecimento das crianças acerca das palavras que conheciam e escreviam em inglês, os dados mostram que das 20 crianças, 9 (45%) afirmaram não saber escrever palavras em inglês, após as atividades realizadas no projeto, os resultados da avaliação do nível de aprendizagem constataram que todas as crianças (100%) passaram a escrever mais de uma palavra correta em inglês. Vale considerar que do total, é possível afirmar que: 06 crianças escreveram 4 palavras; 05 crianças escreveram 3; 6 crianças escreveram 3 e 3 escreveram 1 (uma) palavra. Não se pode deixar de considerar que muitas palavras foram repetidas – a exemplo de 6 crianças que escreveram a palavra Pink (Rosa). Palavras corretas escritas pelas crianças: Cat; Pink; Blue; Purple; Yellow; White; Fish; Car; Dog; Please; You; Grey; Horse.

A análise dos dados mostra ainda que, das 20 crianças que responderam saber escrever palavra em inglês (100%), 9 (45%) escreveram pelo menos uma palavra em inglês errada. Os erros cometidos e a forma correta de escrever: Blak (Black); Ielo/Ielom (Yellow); Thow (Throw); Ti (Tea);



Fiche (Fish); Simge (Sing); Arfhe (Earth); Rein (Rain); Hellow (Hello); Pliss (Please); Bol (Ball); Grem (Green); Wite (White).

Mais uma vez, é possível afirmar que a forma que as crianças escutam a palavra influencia a forma que elas escrevem, como aponta Tfouni (2014, p. 18), a autora apresenta um texto escrito por uma criança com palavras incorretas na grafia, mas com um som similar ao que se fala. Segundo a autora, essas trocas não deveriam ser consideradas erros e sim hipóteses de como escrever as palavras que antes só existiam na comunicação oral. Essa situação ocorre no quadro acima, a fonética das palavras escritas é bastante similar as novas palavras conhecidas pelas crianças em um novo idioma. Tfouni (2014) reforça as teorias de Piaget (1996), principalmente a teoria do desenvolvimento cognitivo, que diz que a inteligência humana se modifica e se desenvolve por estágios, as crianças integrantes do projeto, segundo a teoria de Piaget, se encontram na fase Operacional-Concreto (7 a 12 anos), o que indica haver espaço para desenvolver as habilidades de escrita, leitura e audição

EM RELAÇÃO A SABER CONTAR DE 1 A 10 EM INGLÊS

Apenas 3 (15%) das 20 crianças não conseguiram escrever de 1 até 10 em inglês, e 17 (85%) conseguiram e escrever da forma correta. Essa situação é bem promissora em relação a primeira, quando se avaliou o nível de conhecimento e se constatou que 80% das crianças afirmaram não saber escrever e apenas quatro afirmaram saber.

Pode-se atribuir a melhoria do nível de aprendizagem das crianças, a metodologia utilizada para trabalhar esse conteúdo. Utilizou-se vários tipos de jogos, brincadeiras, músicas e materiais didáticos - Jogos e brincadeiras; Jogo da roleta numérica; Bingo de números; Corrida dos números; Quebra-cabeças numéricos; Jogos interativos; Músicas; Cartões com números e imagens, Livros infantis em inglês, materiais didáticos bastante diversificados - que foram utilizados de forma lúdica - brincando, jogando, cantando, dançando - tendo em vista propiciar a criança

situações de interação social para que se sinta parte integrante, sujeito, do processo de aprendizagem e assim aprenda a pensar de forma consciente.

Segundo trabalho realizado por Martins (2023) as atividades lúdicas são as melhores ferramentas para aprendizagem, essenciais para o desenvolvimento do pensamento e da aprendizagem da criança. Nessa direção, as crianças ouviram músicas, dançaram, observaram slides com os numerais, formaram quebra-cabeça e juntas puderam formar a ordem de escrita dos números. Oliveira (2024) assegura que interagir e se familiarizar com o novo idioma através da música, da dança, dos jogos, é mais divertido e interessante do que uma aula de quadro tradicional. No processo de avaliação do nível de aprendizagem os dados mostram as respostas das crianças: One (One); Two (Two); Three (Three); Four (Four); Five (Five); Six (Six); Seven (Seven); Eight (Eight); Nine (Nine); Ten (Ten).

EM RELAÇÃO A SABER ESCREVER O MÊS DO ANIVERSÁRIO EM INGLÊS

Os resultados apresentados mostram que, 15 (75%) das crianças que participaram da avaliação do nível de aprendizagem, souberam responder o mês do nascimento em inglês, dessas 15, apenas 3 (20%) erraram a escrita do mês. Quando se compara esses dados com aqueles da Tabela 1, relativa à avaliação do nível de conhecimento, percebe-se que houve um avanço significativo no nível de aprendizagem. Na tabela 1, quando se indagou as crianças em relação a saber escrever o mês do aniversário em inglês, apenas 03 (15%) responderam que sabiam, enquanto 17 (85%) não sabiam. Ademais, das crianças que disseram que sabiam escrever o mês de aniversário em inglês, apenas 3 crianças que estão 5ª e na 6ª série, escreveram o mês corretamente (November, March e August).

EM RELAÇÃO SABER ESCREVER A COR FAVORITA EM INGLÊS

Na avaliação do nível de conhecimento foi considerável o percentual de crianças que responderam que sabiam escrever a cor favorita, seis escreveram corretamente: Blue; Pink; Black; Green; Red.

Para trabalhar as cores com crianças nas atividades do projeto realizou-se brincadeiras, jogos, e atividades artísticas, de forma lúdica, divertida e pedagógica no sentido de aprendizagem das cores de forma consciente.

Figura 2 – Crianças aprendendo as cores com slime



Fonte: próprio autor (2024)

Iniciou-se o trabalho pelas cores primárias, que são mais fáceis de identificar, apresentando e repetindo o nome da cor várias vezes tendo em vista as crianças assimilarem o conceito e escrever em inglês. Para isso utilizamos uma variedade de materiais coloridos, pintar círculos de cores primárias (vermelho, amarelo e azul) sempre oral e escrito em inglês. Também trabalhamos com agrupamentos de objetos de cores iguais, assim como separação de objetos coloridos, os nomes das cores mais usadas, entre outras.

EM RELAÇÃO A SABER ESCREVER AS ESTAÇÕES DO ANO EM INGLÊS

Os resultados mostram que nenhuma criança soube dizer pelo menos uma estação do ano em inglês, quando se avaliou o nível de conhecimento das crianças sobre inglês básico. Os resultados da avaliação do nível de aprendizagem das crianças mostram que a totalidade que disse não saber escrever em inglês as 4 estações do ano, após atividades desenvolvidas, 8 crianças (40%) escreveram corretamente e 12 (60%) ainda continuaram sem saber. Houve uma melhoria significativa no nível de aprendizagem das crianças em relação a saber escrever as 4 estações do ano em inglês.

Figura 3 – Crianças elaborando o cartaz com as estações do ano



Fonte: próprio autor (2024)

Para Martins (2023) quando o inglês é apresentado como diversão, as crianças são estimuladas, sua concentração melhora, desenvolve sua capacidade de absorver conhecimento. Nível de aprendizagem em relação as estações do ano: Spring; Summer; Winter; Fall.

EM RELAÇÃO À SABER ESCREVER A PALAVRA MÃE E PAI EM INGLÊS

Em ambos os casos, houve um aumento significativo na escrita correta quando se estabelece uma comparação entre os resultados anteriores. Os

resultados evidenciam que 11 (55%) das crianças souberam escrever a palavra mãe em inglês, enquanto 9 (45%) das crianças não souberam. No caso de saber escrever pai em inglês, 10 (50%) souberam, e 10 (50%) não souberam.

Martins (2023) aponta que o vocabulário em inglês deve ser ensinado de forma que a perspectiva seja vivida pelos sujeitos, isso significa as crianças entenderem o vocabulário com sentimento. Muitas vezes ensinar uma palavra correta no vocabulário da língua estrangeira a uma criança se torna complicado por conta das regras utilizadas, e ainda segundo a autora a língua deve ser ensinada sempre na perspectiva da comunicação.

EM RELAÇÃO A SABER ESCREVER A NACIONALIDADE EM INGLÊS

Estabelecendo uma comparação com os dados identificados na avaliação do nível de conhecimento, verifica-se que o nível de aprendizagem melhorou bem, a metade da amostra escreveu sua nacionalidade correta e a outra metade escreveu incorreto.

Elaborou-se um quadro com as nacionalidades de 15 países e suas bandeiras em inglês, para trabalhar com as crianças. O quadro foi apresentado para as crianças, destacando o nome de cada país em português e inglês. Após a apresentação, solicitou-se as crianças que elaborassem um cartaz escolhendo 2 países, com o desenho da bandeira. No final da atividade cada criança apresentou o cartaz e falava o que tinha escrito. Foi observado que todos os cartazes tinham a bandeira do Brasil e a outra escolhida por eles. Foi uma atividade que as crianças interagiram bem. Os resultados mostram que das 20 crianças, apenas 5 escreveram corretamente, *brazilian*, porém, comparando com os dados da avaliação do nível de conhecimento houve aprendizagem significativa.

EM RELAÇÃO A SABER ESCREVER A COMIDA FAVORITA EM INGLÊS

Na avaliação do nível de aprendizagem, das 20 crianças participantes, 10 (50%) não souberam responder qual sua comida favorita em inglês, e

10 (50%) souberam, dessas 10, 50% responderam “pizza” e 2 (20%) responderam “japanese food”. Leal et al., (2012) explicita em seu trabalho que as crianças da Região Metropolitana do Recife têm uma maior facilidade em encontrar alimentos industrializados e fast food e esse contato facilitado colabora para aumentar a preferência delas por esse tipo de alimento.

EM RELAÇÃO A SABER ESCREVER O QUE VAI SER NO FUTURO EM INGLÊS

Das crianças que responderam o formulário de avaliação, 10 (50%) responderam não saber dizer o que vão ser no futuro em inglês, enquanto 10 (50%) responderam saber. Dessas 10 que responderam, 5 (50%) responderam corretamente: Soccer Player (jogador de futebol), 2 (20%) responderam Veterinarian (veterinário), 1 (10%) respondeu Lawyer (advogado), 1 (10%) respondeu Artist (artista) e 1 (10%) respondeu Police Officer (policial). Nesse recorte das crianças que responderam, 7 (70%) são meninos e 3 (30%) são meninas, 5 (72%) meninos escolheram jogador de futebol, 1 (14%) escolheu advogado e 1 (14%) criança escolheu policial, enquanto as meninas 2 (75%) escolheram veterinária e 1 (25%) respondeu artista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se principalmente, a descrença do Estado em desconsiderar a necessidade de aprendizagem dessa língua para as crianças do ensino público, sobretudo, com a oferta nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Resultado das mudanças provocadas pelas políticas neoliberais que introduziram estratégias que provocaram distinções entre as propostas dos programas de educação entre a rede pública e a rede privada de ensino, esta última avança em suas pedagogias na oferta da língua

inglesa favorável as crianças da classe dominante, educação de qualidade no Brasil tem classe social.

A ênfase nesse estudo é dada, portanto, a introdução da língua inglesa como atividade dentro do planejamento pedagógico do projeto Ações Socioeducativas {...} no ano de 2024. Os resultados da avaliação do nível de aprendizagem das crianças do projeto Ações Socioeducativas {...} mostram que as atividades continuam e sistemáticas contribuíram de forma significativa para reforçar o aprendizado e a melhoria da comunicação verbal, juntamente com a escrita e a leitura, muito ajudaram as crianças a terem elementos significativas de compreensão de uma segunda língua. Isso se justifica, sobretudo, a metodologia, que priorizou a ludicidade, ferramenta importante para o aprendizado dos conteúdos trabalhados pelas crianças, uma vez que tornou o processo mais leve e divertido e as crianças sujeitos do processo ensino - aprendizagem. Verificou-se que através de atividades lúdicas, a concentração das crianças melhorou, a atenção, a interação social e a capacidade de absorver conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, C. R. *et al.* Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

BORGHI, Raquel Fontes *et al.* Base Nacional Comum Curricular e a lacuna no ensino de inglês para crianças no Brasil. **Caderno de Pesquisas**, São Luis, v. 26, n. 1, p. 9-29, 11 fev. 2019.

BRASIL / Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, V. 7, P. 3-25, 2019.

LOUREIRO, Ana Paula Vaz. **Aprender inglês como segunda língua**: a importância do domínio de outras línguas num mundo globalizado. Orientador: Prof. Dr. Óscar de Sousa. 2013. p. 126. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2013. Disponível em: <https://recil.ulusofona.pt/server/api/core/bitstreams/68d14749-693b-4091-94ff-18b0488cb6b8/content>. Acesso em: 30 jan. 2025.

NOGUEIRA, Maria Alice. Estratégias de internacionalização dos estudos: um novo fator de desigualdade escolar. *In: HABITAR a escola e as suas margens: Geografias plurais em confronto*. Porto Alegre: Instituto Politécnico de Portalegre - Escola Superior de Educação, 2013. cap. 1, p. 27-37.

PIAGET, J. A Construção do real na criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1970 Quevedo-Camargo, G., & Tonelli, J. R. A. (2024). Inglês e avaliação no ensino fundamental I: Propostas para o PNE 2025-2035. *Estudos em Avaliação Educacional*, 35, Artigo e10547. <https://doi.org/10.18222/eae.v35.10547>.

ROCHA, C. H. O ensino de línguas para crianças no contexto educacional brasileiro: breves reflexões e possíveis provisões. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 23, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/30422>.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf. A língua inglesa no ensino fundamental público: diálogos com Bakhtin por uma formação plurilíngue. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 48, n. 2, p. 247-274, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645225>.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf. O ensino de le (inglês) para crianças do ensino fundamental público na transdisciplinaridade da linguística aplicada. **Anais do Sete: seminário de teses em andamento**, Campinas, v. 2, 15 ago. 2008. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/index>.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf. Parâmetros para o ensino de le (inglês) para crianças de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental público: Investigando princípios e práticas. **Anais do Seta: seminário de Teses em Andamento**, Campinas, v. 1, 17 ago. 2007. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/index>.

SARAIVA, Joseana Maria. A lógica do capital e do Estado na provisão dos meios de consumo coletivo: uma experiência de responsabilidade social no campo da assistência à criança. Recife: Editora UFPE, 2015. 221p

SILVA, Gabriele. EducaBrasil. O Ensino Fundamental è até que série? Entenda como formado a etapa mais longa da Educação Básica. Educa Brasil, 2019. <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/o-ensino-fundamental-e-ate-que-serie>. Acesso em: 27 de out. 2025.

SILVA, Silvana Pereira da. **Como o inglês impacta a vida de uma criança**. Hey Peppers! Cachoeira do Sul, Cachoeira do Sul, p. 1-4, 29 jul. 2019.

TONELLI, Juliana Reichert Assunção. Do ensino de inglês para crianças à educação linguística em língua inglesa com elas: reflexões teóricas e redirecionamentos epistemológicos sob vozes múltiplas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, p. 58-73, 10 mar. 2024.